

FRANCISCANOS NAS ILHAS DA INDONÉSIA: DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XVII

**LOS FRANCISCANOS EN LAS ISLAS DE INDONESIA:
DE LA EDAD MEDIA AL SIGLO XVII**

**FRANCISCANS IN THE ISLANDS OF INDONESIA:
FROM THE MIDDLE AGES TO THE SEVENTEENTH CENTURY**

VITOR TEIXEIRA¹

Universidade Fernando Pessoa, Porto
vrteixeira@ufp.edu.pt

DAYA NEGRI WIJAYA²

Universitas Negeri Malang, Indonesia
daya.negri.fis@um.ac.id

RECIBIDO/RECEIVED: 16-02-2023

ACEPTADO/ACCEPTED: 10-04-2023

RESUMO:

Este artigo pretende desenhar uma panorâmica do labor franciscano no «Arquipélago», ou seja, na actual Indonésia. A cronologia aponta para a Baixa Idade Média, até 1641, data do abandono português do porto de Malaca (actual Malásia), plataforma pivotal que definiu toda a presença lusa no Sudeste Asiático, em particular na actual Indonésia. Não deixando de apontar algumas das persistências franciscanas na região depois da conquista holandesa de Malaca, pretende-se articular também a tentativa de cristianização do Arquipélago e as missões franciscanas em ilhas como Sumatra, Java, Celebes, nas Molucas e em Timor, Flores e Solor. Mais do que avaliar êxitos ou fracassos da missão, principal escopo da ordem, importa clarificar também acerca do papel dos

1 <https://orcid.org/0000-0001-8496-8964>. Professor Associado Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Doutorado em História pela Universidade do Porto (2004), sobre a História da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517).

2 Professor Auxiliar State University of Malang / Universitas Negeri Malang. Doutorado em História pela Universidade do Porto (2022), com tese de doutoramento «Malacca Beyond European Colonialism (15th-17th Centuries)».

Frades Menores no conhecimento destas ilhas desde a Idade Média, em que foram pioneiros na sua exploração e nos relatos de viagens e travessias em demanda de outras paragens, como a China.

PALAVRAS-CHAVE: Franciscanos, Missão, Viagens, Indonésia, Malaca, Ordens, Cristianização.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo ofrecer una visión general de la labor de los franciscanos en el conocido como «Archipiélago», es decir, en la actual Indonesia. Cronológicamente abarca el período comprendido entre la Baja Edad Media y 1641, fecha del abandono portugués del puerto de Malaca (actual Malasia), la plataforma fundamental que definió toda la presencia portuguesa en el sudeste asiático, en particular en la actual Indonesia. Sin olvidar hacer mención de la permanencia de los franciscanos en la región tras la conquista holandesa de Malaca, se pretende mostrar también el intento de cristianización del Archipiélago y las misiones franciscanas en islas como Sumatra, Java, Célebes, las Molucas y en Timor, Flores y Solor. Más que evaluar los éxitos o fracasos de la misión, objetivo principal de la orden, también es importante precisar el papel de los Frailes Menores en el conocimiento de estas islas desde la Edad Media, cuando fueron pioneros en su exploración y en los relatos de viajes y travesías en busca de otros lugares, como China.

PALAVRAS CLAVE: Franciscanos, Misión, Viajes, Indonesia, Malaca, Órdenes, Cristianización.

ABSTRACT:

This article offers an overview of the Franciscan work in the «Archipelago», that is, in present-day Indonesia. The chronology covers between Late Middle Ages and 1641 and the Portuguese abandonment of the port of Malacca (present-day Malaysia), the fundamental platform that defined the entire Portuguese presence in Southeast Asia, particularly in present-day Indonesia. Without forgetting to point out something of the Franciscan presence in the region after the Dutch conquest of Malacca, it intends to articulate the the attempt to spread Christianity in the Archipelago and the Franciscan missions on islands such as Sumatra, Java, Celebes, in the Moluccas and Timor, Flores and Solor. More than evaluating the successes or failures of the mission, the principal objective of the order, it is also essential to clarify the role of the Friars Minor in the knowledge of these islands since the Middle Ages, when they were pioneers in their exploration and travel reports and journeys in search of other stopovers, such as China.

KEYWORDS: Franciscans, Mission, Travel, Indonesia, Malacca, Orders, Christianization.

Para citar este artículo / Citation: TEIXEIRA, Vitor, y Daya Negri WIJAYA. «Franciscanos nas ilhas da Indonésia: da Idade Média ao século XVII». *Archivo Ibero-Americano* 82, nº 295 (2022): 327-358. <https://doi.org/10.48030/aia.v82i295.265>.

1. INTRODUÇÃO

Chegar ao Grande Khan, supremo desafio na Baixa Idade Média. Depois de conquistar a China, o Grande Khan estabeleceu a sua capital em Khanbaliq, a actual Pequim. Mas qualquer enviado ao Grande Imperador Mongol, teria de optar por uma de duas longas e penosas rotas, qualquer uma imprevisível e arriscada: a via terrestre e a via marítima. Dito assim parece lógico, mas as variáveis de cada uma são escassas, para

quem partia, embora no destino se equacionassem depois alternativas a certas etapas. Mas na essência, não havia muitos caminhos por onde escolher. A realidade era uma, ambas eram de elevado risco. No exercício da opção a fazer, para se chegar ao «Arquipélago», o que é hoje a Indonésia, só a via marítima seria possível, obviamente. Poderia ser num percurso de ida e volta, ou então num dos derroteiros. Assim, neste estudo iremos focar-nos de forma genérica e à guisa de contexto histórico, nas viagens tardo-medievais, já amplamente estudadas; depois centrar-nos-emos nas viagens e «missões» dos franciscanos portugueses e também dos espanhóis. De forma lata, não precisa, portanto, a data extrema é a da perda de Malaca (portuguesa desde 1511), ou seja, 1641.

2. VIAGENS E ITINERÁRIOS MEDIEVAIS DE FRANCISCANOS NA ÁSIA

Perseguindo diversos escopos, como viagens de diplomacia e principalmente missões de natureza eclesiástica, organizaram-se no período medieval algumas viagens importantes à Ásia Oriental e ao Sudeste Asiático envolvendo franciscanos. Recorde-se rapidamente o contexto histórico que enquadra estes contactos, um tanto raros, demorados e arriscados, precisamente quando, ao longo da Baixa Idade Média, os mongóis constituíam uma séria ameaça à Europa e à Cristandade. Perseguindo formas de entendimento diplomático, de convivência política e mesmo com enquadramento em contactos comerciais, foram sendo introduzidos alguns missionários europeus na Ásia Central, tentando entabular contactos pacíficos com as autoridades mongóis. Eram inúteis, no entanto, excepto quando efectuados com o grande Khan em pessoa, a única instância de decisão política e estratégica entre os mongóis. Cerca de 1230, o império mongol abrangia um território situado entre a península da Coreia e a Pérsia (actual Irão), preparando-se então para avançar sobre a China meridional. Por isso, a Europa tremia e rezava. A nova capital mongol, Khanbaliq³ (actual Pequim, na R. P. da China), obrigava quem quisesse entrevistar o Khan a deslocar-se até àquelas longínquas terras, do lado de onde o smegulharol nascia. Diplomacia difícil e morosa, tortuosa, o que fazia as realezas europeias mergulharem num clima de medos e incertezas sempre que a fronteira ocidental do Grande Khan tendia para Ocidente. Esta diplomacia torna-se, por isso, entre esperanças religiosas e salvação colectiva, um terreno difícil e complexo. Nesse contexto, a inteligência e erudição, envolvendo competências que iam das línguas aos estudos culturais, entre outros, eram necessários. O alfobre das ordens religiosas era então o mais fecundo, na formação de indivíduos capacitados para experimentarem as artes da diplomacia,

3 Para a perspectiva franciscana destas viagens asiáticas, principalmente na sua rota terrestre, cf. Giuseppe BUFFON, *Khanbaliq. Profili storiografici intorno al cristianesimo in Cina nel medioevo all'età contemporânea (XIII-XIX sec.)* (Roma: Antonianum, 2014).

ainda que imbuídos de um profundo eurocentrismo e de uma mundividência pouco acomodada e aberta a diferenças culturais. Todavia, abriram caminhos, que seriam trilhados por vários religiosos ocidentais, com destaque para os frades menores.

Residia também esta aproximação de carácter político-religioso – ou feita por religiosos – na crença antiga difundida na Europa medieval da existência de um reino cristão alhares nas profundezas da Ásia, um reino que, na sua expansão territorial, repeliria os estados muçulmanos ou *pagãos*. Estas derrotas dos «mouros» da Ásia às mãos dos povos do *Cataio*⁴ – como se designavam e identificavam na crónica religiosa e política coevas os povos do Extremo Oriente continental, particularmente os chineses –, eram de certa forma tidas como exageradas nas cúrias medievais europeias. Alimentavam, assim, a ideia de que essas populações, por vezes representadas como cristãs – ou não-muçulmanas, pelo menos –, podiam ajudar os esforços da Europa para libertar a Terra Santa do jugo islâmico. Há um regime de, ou uma propensão, para uma certa *verdade* nestas lendas: existiam na verdade algumas minorias cristãs na Ásia Central, como na Índia, desde os alvares do cristianismo: os cristãos nestorianos no primeiro caso e os ditos cristãos de «S. Tomé», no segundo.⁵

Estas pequenas comunidades fragmentadas e minoritárias, sem praticamente expressão territorial ou, salvo raras excepções sociais, poder político significativo, constituíam-se como alguns pontos de referência espiritual e de apoio a viagens de religiosos e comerciantes cristãos em diversas regiões da Ásia. Existiam ainda alguns destacados membros da hierarquia mongol que eram nestorianos, facilitando os contactos com a corte dos Khans. Por outro lado, depois de todo um conjunto de conquistas a partir do século XI, os Mongóis criaram uma unidade geopolítica entre

4 *Cataio* é um termo que surge a partir da designação árabe da China. Ainda hoje, a companhia aérea de Hong Kong designa-se precisamente por Cathay... Sobre o tema do Cataio e a sua desmistificação pelos missionários e viajantes europeus do século XVI, veja-se Juan GIL. *La India y el Catay* (Madrid: Alianza Editorial, 1995). Cf. Luke WADDING, *Annales Minorum...* (Roma, 1625-42), 5:195-198, 199-203, 6:93, &c., 147, &c., 176, &c., 467, &c.

5 Cf. Ian GILLMAN e Hans-Joachim KLIMKEIT, *Christians in Asia before 1500* (Richmond: Curzon Press, 1999); Peter JACKSON. *The Mongols and the West: 1221-1410* (Harlow: Pearson Education, 2005); Barbara Watson ANDAYA, «Christianity in Asia», in *Oxford Research Encyclopedia of Asian History*. 25 Jun. 2018. Retrieved 11 Jan. 2023. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277727.013.219>; ANDAYA, «Christianity in Modern Southeast Asia», in *The Routledge Handbook of Southeast Asian History*, edited by Norman Owen (London: Routledge, 2014), 235-245; Robert Eric FRYKENBERG, *Christianity in India: From Beginnings to the Present* (Oxford: Oxford University Press, 2008); Samuel Hugh MOFFAT, *A History of Christianity in Asia*, vol. 1 (San Francisco: Harper, 1992); vol. 2 (Maryknoll, NY: Orbis, 2005); *Christianities in Asia*, ed. por Peter C. PHAN (London: Wiley Blackwell, 2011);, *Handbook of Christianity in China*, ed. por Nicolas STANDAERT (Leiden: Brill, 2001), 1:635–1800; *Handbook of Christianity in China*, vol. 2, *1800 to the Present*, ed. por R. G. TIEDEMANN (Leiden: Brill, 2010); *The Oxford Handbook of Christianity in Asia*, ed. por Felix WILFRED (Oxford: Oxford University Press, 2014).

o mar Cáspio e o oceano Pacífico, todo um território sob uma única autoridade e, por isso, à partida, mais fácil de «visitar». Neste âmbito, criou-se também como que uma *pax mongolica* a partir dessa uniformidade política e militar na Ásia, cruzando segurança político-militar com estratégias de tolerância e «abertura» culturais que se mostravam incontornáveis para promover uma unidade política entre espaços com diferentes identidades étnicas, sociais e religiosas. É neste contexto geral que se concretizam as visitas comerciais ocidentais, como as de Marco Polo (c. 1254-1324, viagens na Rota da Seda entre 1271 e 1295), ou religiosas, como as dos franciscanos Giovanni da Pian del Carpine (c. 1182-1252, viagens entre 1245 e 1247), na década de quarenta do século XIII, de Willelm Rübrück (c. 1220-1293, viagens entre 1253 e 1255), pouco anos depois, e de Giovanni da Montecorvino (1247-1328, em 1289 partiu para a China, onde morreu), na última década de Duzentos.⁶ Não se deverá esquecer também o esforço missionário anónimo dos franciscanos na Arménia, Pérsia e região do Cáspio logo no século XIII, instalando comunidades religiosas que apoiariam viagens posteriores à Ásia Central ou para a Índia e Insulíndia. Recorde-se a figura do rei Hethoum II (também Haython, Hayton, Het'um, Hetoum, ou Hethoum, 1266-1307, rei 1289-93, 1295-96 e 1299-1303), que viria a tornar-se frade franciscano c. 1303, depois de três reinados e múltiplas abdições. Recorde-se que numerosas missões cristãs, súbditas de Roma, tinham sido enviadas ao reino Arménio da Cilícia (actual Sul da Turquia) para trabalharem na reaproximação com a Igreja romana. Para cumprimento dessas missões, foram incumbidos os franciscanos. Guilherme de Rubruck visitou a Cilícia em 1254, bem como Monte Corvino em 1288. Além do soberano arménio Hethoum II, outro cristão arménio foi importante nesta aproximação, Nerses Balients (primeira metade séc. XIV), historiador convertido pelos dominicanos e membro do movimento «unitário» que defendia a unificação com a Igreja latina. Os seus testemunhos são valiosos e importantes pelo rigor e validade.

Em 1289, Ângelo Clareno (1247-48-1337), foi enviado com alguns dos frades do seu grupo para a Cilícia. Foi o Ministro-Geral franciscano, o marselhês Raymond Gaufredi (1289-95), que simpatizava com o movimento dos Espirituais, que o destinou àquela missão, onde conheceu sucessos, que, no entanto, motivariam invejas e o afastariam da região. O envio prendeu-se com o pedido de Hethoum II ao Papa que ali colocasse alguns frades para instruir o povo. Ângelo foi enviado em 1293, junto com Tommaso (Tomás) de Tolentino, Marco da Montelupone e Pietro da Macerata. Era uma espécie de exílio ou de segurança para os Espirituais de Clareno, esta mis-

6 A melhor edição das cartas de Montecorvino encontra-se em Anastasius van den WIJNGAERT, OFM, *Sinica Franciscana*, vol. 1 (Quaracchi, 1929). Existe tradução para inglês em Christopher DAWSON, *The Mongol Mission* (Londres-Nova Iorque, 1955).

são na Arménia.⁷ As dificuldades que os Espirituais sentiam na Itália – devido à sua rigorosa observância regular, à pobreza radical e às críticas ao luxo na Igreja – e mesmo no seio da Ordem dos Frades Menores, eram muitas, pelo que esta missão na Cilícia surgiu como escape a todo esse contexto.

São Tomás de Tolentino (c. 1255-1321), que ficara junto do monarca, seria mais tarde enviado por Hethum a Roma, Paris e Londres para defender outra cruzada para apoiar os cristãos arménios. Objectivo falhado, mas compensado com o reforço de efectivos missionários que conseguiu, pois voltou com clérigos adicionais para apoiar a missão e defender a reunificação da Igreja Arménia com Roma. Tolentino viria a ser martirizado em Thane, na actual Índia, a 8 de Abril de 1321, com mais três frades, tendo sido ele também um dos missionários franciscanos na Ásia na Idade Média.

A partir de 1368, data em que os Ming se instalam na China, encerrando o domínio mongol (dinastia Yuan, 1271-1368), as visitas de europeus, com fins religiosos, comerciais ou políticos, tornam-se mais difíceis e raras. Os Ming aniquilaram muito do que os Mongóis fizeram ou protegeram cultural, religiosa e socialmente, incluindo o desmantelamento de dioceses e comunidades cristãs. Desapareceu mesmo o bispado de Khanbaliq e o projecto de um patriarcado do Oriente. Os franciscanos que circundavam a corte do Grande Khan tiveram de fugir, acompanhando os Mongóis. O *Cataio* passava a ser definitivamente uma lenda, um mito entre literatura, viagem e ideários missionários, uma terra com comunidades cristãs e riquezas por explorar, uma versão asiática e, sobretudo, sínico-tibetana da «Terra do Preste João». Só muito mais tarde com a expansão comercial portuguesa na Ásia e, principalmente, com o fervor missionário dos jesuítas a partir do século XVI, se recuperaria a memória do Cataio, embora numa base real mais consistente e cada vez mais afastada de mitos e lendas antigos.⁸

Foi a partir deste cenário geopolítico dos séculos XII e XIII que se empreenderam, na Baixa Idade Média, algumas outras viagens de franciscanos ao Extremo Oriente, desta vez para latitudes mais meridionais e evitando o coração da China, em plena dinastia Ming, nacionalista e desconfiada (1368-1644). A Ásia Meridional, com destaque para a região do Sudeste Asiático, passa a ter um protagonismo que nunca tivera, ainda que não se possam estabelecer comparações com a ligação dos franciscanos à Rota da Seda na Ásia Central e respectivas comunidades cristãs por eles animadas, mesmo junto do centro nevrálgico dos Mongóis (Chang'an, a actual Xi'an, e Khanbaliq, a moderna Pequim).

7 Cf. Michael ROBSON, *The Franciscans in the Middle Ages* (Woodbridge: Boydell Press, 2006).

8 GIL, *La India y el Catay...*

As principais vias de acesso à Ásia a partir da Europa eram duas, uma terrestre, outra marítima.⁹ A terrestre, normalmente, partia da Crimeia, contornava a margem norte do mar Cáspio, a Tartária, seguindo depois para o Pamir, alcançava a China através do passo de Karakorum (actual Afeganistão Oriental) e seguia depois para Khanbaliq. Era uma via caravaneira, utilizada já por Carpine, Rübück e Marco Polo. Montecorvino escreveria o seguinte sobre este itinerário: «... é a via mais segura e mais rápida, podendo ser feita em cinco ou seis meses. Não é, todavia, sempre aconselhável, devido às guerras contínuas». A via do mar era relativamente mais fácil e menos onerosa: partia da Pérsia para a Índia, Ceilão, onde chegavam por vezes juncos chineses e se faziam trocas com comerciantes do Extremo Oriente. Mas não era uma rota livre de perigos: desprovidos de bússolas e recorrendo apenas à cabotagem, os navios asiáticos enfrentavam não só os rigores das monções, dos ciclones e de outros perigos naturais, como também piratas ou ataques de indígenas junto à costa. Apesar destas dificuldades era possível seguir os itinerários dos grandes «comboios» e «carreiras» de embarcações orientais, como parece ter ocorrido, por exemplo, com a família Polo que partiu de Zaitun (actual Quanzhou, ou Chinchew), em Fujian/ Fukien, em frente à ilha de Taiwan, então porta marítima da China meridional, com catorze grandes navios de quatro mastros e doze velas, dos quais chegaram a Ormuz dez.¹⁰

Com a viagem de Montecorvino¹¹ consagrou-se gradualmente a preferência pelos itinerários marítimos em detrimento das rotas terrestres. Montecorvino partiu de Ormuz, na Pérsia, em 1591 (?), tocou depois na Índia, onde se deteve treze meses, assegurando a passagem para o seu destino a bordo de um navio que o levou até Takkola (ou Takuapa), no istmo de Kra, na península Malaia (ou directamente atravessando o golfo de Bengala ou contornando a costa pela Birmânia e Tailândia ocidental). Depois de o atravessar, tomou outra embarcação, que contornou o delta do rio Mekong, em Funan (antigo reino no sul do actual Vietname, Camboja e Tailândia central, entre 68 a.C. e 550), seguindo ao largo de Champa, rumando até à ilha de Hainan, até entrar no rio das Pérolas e aportar em Cantão, acompanhando depois a costa chinesa até ao referido porto de Zaitun, por onde terá depois seguido para o

9 Peter FRANKOPAN, *The Silk Roads* (Londres: Bloomsbury Publishing, 2015).

10 Cf. Luce BOULNOIS, *Silk Road: Monks, Warriors & Merchants* (Hong Kong: Odyssey Books & Guides, 2005), 311–335; John LARNER, *Marco Polo and the Discovery of the World* (New Haven: Yale University Press, 1999); Stephen G. HAW, *Marco Polo's China: A Venetian in the Realm of Khubilai Khan*, Routledge Studies in the Early History of Asia (London; New York: Routledge, 2006).

11 Ver John MONTECORVINO, *Cathay and the Way Thither*, trad. e ed. por Sir Henry YULE, segunda edição rev. por Henri CORDIER (Londres: Hakluyt Society, 1914), Vol. 3, Second Series, 37:45-51, passim; com alguma revisão e reimpressão, in Leon BARNARD and Theodore B. HODGES, *Readings in European History* (New York: Macmillan, 1958), 107-108.

interior da China. Ter-se-á cruzado com Marco Polo, que regressava então de Zaitun, local para onde se dirigia o franciscano? Não sabemos.

Como se afere desta breve descrição do itinerário de Montecorvino, parece que o Sudeste Asiático não faria então parte das rotas marítimas frequentadas no século XIV para os poucos europeus que provinham da Índia ou da Pérsia. Permanecia ainda uma região quase desconhecida do mundo culto ocidental, ainda que alguns cristãos (arménios, jacobitas, persas ou nestoiranos) a tivessem visitado até 1500.¹² É possível, porém, que Montecorvino possa ter reconhecido alguma ilha da Indonésia, nomeadamente Sumatra (mais esta...) ou Java, as que se apresentam geograficamente mais próximas das rotas comerciais do Sudeste Asiático em direcção à China. Na sua estadia de treze meses na Índia, procurou seguramente tomar conhecimento das culturas, povos e regiões não só da China como também da parte oriental do oceano Índico, terras que os indianos e os mercadores muçulmanos contactavam assiduamente e das quais não faltariam notícias. A cultura hindu era ainda prevalente no Sudeste Asiático, com vários reinos na sua órbita nessas regiões (Champa, no Vietname, Majapahit, na actual Indonésia, Angkor, no Camboja de hoje...). O navio em que viajou para a China era ao que tudo indica mercante, e não seria de todo estranho que tivesse aportado e descarregado – ou carregado produtos e mantimentos – em algum porto do actual arquipélago da Indonésia.

As rotas marítimas entre o sul da Índia, Sri Lanka e Sumatra, Java e Bali já estavam bem estabelecidas no início da era cristã, muito antes da chegada dos navios persas e árabes. No entanto, as ligações comerciais estender-se-iam ainda mais, uma vez que as variações sazonais nos ventos das monções foram aproveitadas para apoiar viagens intercontinentais, além de um grande progresso nas técnicas de construção naval. Apesar de não ter grandes centros populacionais, muitas áreas da Indonésia tornaram-se fontes de produtos e mercados valiosos, tanto para o comércio internacional como para o comércio local. No século VIII, Sriwijaya era a cidade-estado dominante na área, especialmente em torno da área de Palembang. Fontes e inscrições chinesas fornecem listas detalhadas de produtos para compra e reexportação naquele período, incluindo metais preciosos (ouro, prata, estanho), especiarias e drogas valiosas, cerâmica, tecido e vime, bem como alimentos básicos, como arroz. Havia também intenso tráfego de gentes, significativo na região devido aos muitos peregrinos.¹³

12 Sobre a presença de cristãos na Ásia até à chegada dos portugueses, é sugestiva a obra de GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...*

13 Cf. E. Edwards MCKINNON, «Trade Contacts with the Indonesian Archipelago: 6th to 14th Centuries», en *International Seminar for UNESCO Integral Study of the Silk Roads: Roads of Dialogue: «India and the Roman world between 1st and 4th Century A.D.»*, «India's Cultural Relationship with East and Southeast Asia during the 4th to 13th Century AD». 19-24 December 1990. Madras, India. <https://en.unesco.org/silkroad/knowledge-bank/trade-contacts-indonesian-archipelago-6th-14th-centuries>.

Montecorvino poderia também ter trocado de navio em qualquer um dos supracitados portos,¹⁴ como sucedia nessas viagens de longo curso em que se utilizavam vários navios mercantes como transporte. Não deveremos esquecer o facto de Montecorvino se ter tornado ulteriormente – esteve no Oriente mais de 35 anos... – arcebispo de Khanbaliq (Pequim) e Patriarca do Oriente (nomeação em 1307, de Clemente V, embora só tenha recebido as letras papais em 1310, das mãos de três franciscanos enviados pelo papa, de um grupo de sete,¹⁵ que seria o dos seus bispos sufragâneos). Este Patriarcado abrangia todos os territórios que se designavam no mundo medieval europeu por *Oriente*, uma noção fluida e ambígua que parece ter incluído também o arquipélago malaio-indonésio.¹⁶ Em relação à viagem daqueles frades-bispos enviados pelo papa Clemente V e às suas desventuras em demanda do Extremo Oriente nada se sabe, apenas que lá chegaram aqueles três religiosos munidos da bula papal. Qual o seu itinerário e características da viagem, ainda permanecem algumas dúvidas.

Entretanto, antes do fim do domínio mongol da China, outros frades franciscanos demandaram aquele país em missão, por terra e por mar. Por mar alguns houve que se aventuraram para além das rotas tradicionais e terão tocado em regiões largamente desconhecidas dos europeus. Entre essas terras conta-se a parte meridional da península malaia e toda a Insulíndia, de Sumatra à Nova Guiné e às Filipinas, de Bornéu a Timor. Destas viagens medievais franciscanas, apenas se identificaram dois frades que terão tocado em terras do Sudeste Asiático, descritas e representadas nos seus relatos e impressões das viagens.

3. OS FRANCISCANOS NO «ARQUIPÉLAGO»

Vejamos de forma sintética o contexto da cristandade na actual Indonésia até à chegada dos Portugueses. No século VII, assinala-se uma comunidade cristã nestoriana perto do norte de Sumatra, mas na península malaia, na região de Perak. Falamos da ilha de Pangkor (pulau Pangkor, ou Pancur). Nessa época, era mais forte a presença hindu (étnica e religiosamente falando) nas ilhas do Arquipélago, principalmente em Java, mais consistente a partir do século VIII. Além de populações autóctones, existiam também no Arquipélago muitas comunidades malaias.

14 Achilles MEERSMAN, OFM, *The Franciscans in the Indonesian Archipelago* (Lovaina: Nauwelaerts, 1967). Ver BUFFON, *Khanbaliq...*

15 Teodosio LOMBARDI, *Storia del Francescanesimo* (Pádua: Ed. Messagero, 1980), 157. Clemente V assim se referiu acerca de Montecorvino na sua bula: «ele, Giovanni, Frade Menor, dotado de ciência, de religiosa piedade, de pureza de vida, de santos costumes e de todas as outras virtudes».

16 Achilles MEERSMAN, OFM, «The Origin of the Latin Hierarchy in India», *The Clergy Monthly* (Kurseong, Índia), (Suplemento 1960): 67-78.

Mais tarde, a partir do século XII, populações da península arábica instalaram-se nas ilhas, com destaque para iemenitas da região de Hadrammout, comerciantes, mas também persas e sucessivos contingentes de indianos. O Hinduísmo predominava, a par de algumas formas de animismo, mas existiriam provavelmente alguns núcleos cristãos, mas raros e de pouca expressão numérica. A primeira fonte conhecida da presença cristã no arquipélago pode ser encontrada na obra enciclopédica de Abu Salih Al-Armini, sacerdote cristão egípcio (copta ortodoxo) que viveu no século XII. De acordo com seus escritos, havia várias igrejas nestorianas no oeste de Sumatra naquela época, localizadas perto de um local onde a madeira de cânfora era produzida. No entanto, estudiosos posteriores argumentaram que Al-Armini pode ter confundido este local com uma cidade na actual Índia.¹⁷

Há, num registo cristão egípcio de igrejas do século XII, a sugestão de que uma igreja foi estabelecida em Barus, na costa oeste do norte de Sumatra, um posto comercial conhecido por ter sido frequentado por comerciantes indianos e, portanto, ligado aos cristãos indianos de S. Tomé (do Malabar, na Índia actual). Nenhum registo ou vestígio de tal comunidade permanece, e a primeira evidência significativa da actividade cristã dar-se-á com a chegada de comerciantes portugueses no século XVI.

Os portugueses chegaram ao Sultanato de Malaca (actual Malásia) em 1509 com intento de acesso às suas riquezas. Embora inicialmente bem recebidos, os portugueses, com a captura de Goa em 1510, bem como outros conflitos muçulmanos-cristãos, suscitaram inimizades e oposições. Os poderes islâmicos no Índico convenceram os muçulmanos de Malaca de que os cristãos portugueses seriam uma presença hostil. Acredita-se que a subsequente conquista portuguesa de Malaca em 1511 tenha aumentado o sentido de solidariedade muçulmana contra os cristãos portugueses, patente na continuada resistência contra os portugueses a partir do sultanato de Aceh e das suas alianças regionais, como com o sultanato de Jepara (Java), da rainha Kalinyamat, além dos apoios internacionais do Império Otomano. Embora os portugueses tenham construído algumas igrejas na própria Malaca portuguesa, a sua influência e evangelização nos territórios vizinhos foi talvez mais negativa do que positiva na promulgação do cristianismo.¹⁸

Depois da sua conquista de Malaca em 1511, os portugueses navegaram mais para leste à procura do desejado centro de especiarias das Molucas, onde tinha

17 B.T.A. EVETTS, *The Churches and Monasteries of Egypt and Some Neighbouring Countries, Attributed to Abu Salih the Armenian*, 2 vols. (Oxford: Clarendon Press 1895); Samuel AL-SURYĀNĪ, *History of the Churches and Monasteries in the Twelfth Century by Abu l-Makārim, Wrongly Attributed to Abū Šāliḥ, the Armenian* (Waadi al Natrun: Dayr al-Suryan, 1984-1985).

18 Adolf HEUKEN, *Ensiklopedi Gereja* (Jakarta: Cipta Loka Caraka, 2005). Cf. HEUKEN, «Chapter One: Christianity in Pre-Colonial Indonesia», in *A History of Christianity in Indonesia*, ed. por Jan Sihar ARITONANG e Karel STEENBRINK (Leiden/Boston: Brill, 2008), 3-7.

especial relevância o sultanato de Ternate. Aqui, os portugueses estabeleceram um pequeno povoado em torno de um forte. No início, as relações entre os cristãos portugueses e os muçulmanos de Ternate eram harmoniosas porque ambas as partes estavam cientes das vantagens de uma boa cooperação no comércio. A partir de 1534, os missionários portugueses começaram a tornar-se mais e mais activos na conversão dos locais ao catolicismo e, no final do século XVI, aproximadamente 20% dos habitantes do sul das Molucas eram classificados como «cristãos». Os exploradores portugueses chegaram então às Molucas em 1534, com o objectivo de converter os nativos ao catolicismo e obter valiosas especiarias endémicas da região. O espanhol Francisco Xavier, co-fundador da Ordem dos Jesuítas, trabalhou nas ilhas de 1546 a 1547 e baptizou vários milhares de habitantes das ilhas de Ambon, Ternate e Morotai (ou Moro), lançando ali as bases para uma missão permanente. Após sua partida de Maluku, outros continuaram seu trabalho e na década de 1560 havia 10 000 cristãos na região, principalmente em Ambon. Na década de 1590, eram cerca de 50 000 a 60 000. Os religiosos dominicanos portugueses tiveram também algum sucesso nas actividades missionárias em Solor: na década de 1590, a população cristã de base portuguesa e local era de 25 000.¹⁹

Duas outras localidades, ambas no leste da Indonésia, onde os portugueses estabeleceram pequenos assentamentos cristãos, foram Larantuka (na ilha das Flores) e Díli (na ilha de Timor). No entanto, um desentendimento entre os portugueses (que queriam estabelecer o monopólio do comércio de especiarias) e o povo de Ternate prejudicou seriamente a posição dos europeus nas Molucas.

Depois adveio a Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC). Começava a «Era da VOC», ou do domínio holandês, fortemente calvinista. Cornelis de Houtman foi o primeiro holandês a navegar para o Oriente até à actual Indonésia, em 1595. Embora a sua expedição possa ser considerada um fracasso comercial, mostrou aos holandeses que eram capazes de navegar para o Oriente em busca das especiarias. Em 1602, foi criada a Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC). Os Países Baixos eram fortemente protestantes, recorde-se, principalmente na hierarquia governativa e nos sectores chave da administração, comércio e exploração ultramarina. Existiam, todavia, neerlandeses «papistas», católicos, mas com pouca influência. Entretanto, nas Molucas, Ambon foi conquistada e ocupada pela VOC em 1605, e os católicos foram forçados a converter-se ao protestantismo, calvinista, portanto. O mesmo aconteceu em Manado (nas Celebes, ou Sulawesi) e nas ilhas de Sangihe-Talaud (a nordeste das Celebes, a caminho da ilha filipina de Mindanao). Em 1613 Solor também caiu nas mãos dos holandeses,

19 M.C. RICKLEFS, *A History of Modern Indonesia Since c.1300*, 2nd edition (London: MacMillan, 1993), 25.

e a actividade das missões católicas ficou reduzida às Flores e a Timor, ambos territórios ainda sob administração portuguesa.

Os padres católicos foram substituídos pelo clero protestante da Holanda. Muitos cristãos na época converteram-se ao protestantismo. As dificuldades eram muitas, principalmente entre o clero católico, perseguido e intolerado, dizimado até.²⁰

Neste contexto, centremo-nos nas missões e viagens de franciscanos no Arquipélago. O primeiro viajante franciscano a visitar seguramente ilhas da actual Indonésia foi o Beato Odorico de Pordenone (1286-1331), entre 1321 e 1324, quando seguia para a China. Segundo o seu *Relato*,²¹ terá visitado três grandes ilhas indonésias: Sumatra, Java e Bornéu. Acidentalmente, e tanto quanto se sabe, terá mesmo sido o primeiro europeu a visitar a enorme ilha do Bornéu.²² O seu périplo indonésio terá ocorrido entre 1323 e 1324,²³ pois o franciscano vinha de Thana, junto a Bombaim (Índia, onde seguramente chegou entre 1321 e 1322). Seguiu então para Cranganor, Quílon, Ceilão e, depois, Meliapore (Madrasta), rumando, em continuação, para Sumatra. Neste itinerário desviou-se das rotas tradicionais dos europeus que se dirigiam à China (por Takola, a norte da ilha de Phuket, no istmo Kra, atravessando a pé até Pak Phanang, na actual Nakhon Si Thammarat, Tailândia) e terá seguido a dos mercadores persas e muçulmanos que demandavam a Insulíndia a partir de Ceilão ou do sub-continente indiano. De facto, em vez de contornar toda a costa do golfo de Bengala até ao istmo de Kra ou, então, de atravessar directamente de Ceilão ou de Meliapore até às ilhas de Nicobar e de Andaman, flectindo para Takola (no referido istmo), Pordenone, tendo chegado àquelas ilhas, seguiu para sudeste ao longo do Estreito de Malaca, entre Sumatra e a Malásia, visitando aquelas três grandes ilhas indonésias antes de tomar o rumo do mar da China Meridional até Zaiton, ou Quanzhou (泉州市), ou Chinchew, no sul de Fujian (estreito de Taiwan), depois para Guangzhou Cantão e daí para o interior. Ibn Battuta (Abu Abdullah Muhammad ibn Battutah 1304-1369) irá mais tarde efectuar um itinerário (1332-1346) que toca em Quanzhou, a partir da navegação desde o Estreito de Malaca.

Pordenone foi o primeiro autor europeu conhecido a usar também o nome de «Sumatra» para designar a ilha indonésia, apesar de a referir textualmente como «Sumoltra», ainda que este designativo não tivesse sido aplicado para identificar toda a ilha, mas apenas um «reino» no seu Noroeste. Sumatra foi a primeira ilha

20 Cf. *A History of Christianity in Indonesia*, ed. por Jan Sihar ARITONANG and Karel STEENBRINK, *Studies in Christian Mission*, 35 (Leiden-Boston: Brill, 2008).

21 Girolamo GOLUBOVICH, *Biblioteca Bio-Bibliographica della Terra Santa e dell'Oriente Franciscano* (Quaracchi, 1919), 3:390.

22 MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 17.

23 Dea cordo com estudo de Sigfridus STOKMAN, «De eerste Missionarissen van Borneo», *Historisch Tijdschrift* 7 (1921): 347.

indonésia frequentada pelo beato franciscano. Acompanhando as suas próprias palavras, o navio em que seguia terá entrado na baía de Lamori, localidade que muitos identificam com a actual Banda Aceh (Atjeh). Posteriormente, depois de seguir pela costa oriental de Sumatra, em frente à península Malaia, foi o frade aportar ao litoral setentrional da ilha de Java. Descreveu o que viu naquela ilha²⁴ de forma concreta e sóbria, referindo ser aquela região a mais fértil e próspera que tinha visto desde a Índia. O frade terá efectuado provavelmente algumas incursões no interior de Java, contactando com a realidade agrícola e social dos espaços longamente especializados pela grande produção orizícola, o que ajuda a explicar o seu elogioso comentário. No capítulo XIV do seu *Relato*, Odorico chega mesmo a referir-se à existência de um rei supremo em Java, suserano de outros sete reinos vassallos, descrevendo ainda os principais produtos da ilha e a fonte da sua riqueza e prosperidade. A relação deixada por Odorico da Pordenone acerca das suas viagens constitui, a par das impressões de outros viajantes, uma das mais antigas e principais fontes europeias de informações sobre o Sudeste Asiático e o Extremo Oriente durante a Idade Média.²⁵ Odorico sublinha ainda o quanto poderia interessar o seu relato tanto a religiosos como, sobretudo, a seculares, visto que as suas notícias *maravilhosas* eram em maior número que as de carácter piedoso. Prefere, assim, tratar do comércio, das riquezas asiáticas, nunca se referindo a si próprio nem se preocupando em dar *fama* ao seu nome. O seu latim é simples, sem ornatos, empolamentos ou formas hipérbolicas, concorrendo para um registo em que se destaca a sinceridade e esse regime de segurança informativa tão procurado pelos mercadores europeus, principalmente italianos, que perseguiam os lucros dos fabulosos tratos asiáticos.

Odorico é uma figura chave nas memórias das viagens franciscanas no Cataio, que surgiu em Khanbaliq bem no final da epopeia missionária de Montecorvino (1247-1328, arcebispo de Pequim entre 1307 e 1328). Personagem invulgar, Odorico atingiu a capital mongol c. 1325, depois de ter percorrido um trajecto entre Constantinopla, Trebizonda, o Golfo Pérsico, a fascinante Índia e depois o exótico arquipélago da actual Indonésia. Mais do que fervor ou zelo missionário, Odorico era movido por uma grande curiosidade,²⁶ o que o coloca na transição da Idade Média para a Época Moderna dos chamados «descobrimientos». Buffon considera-o um precursor dos exploradores europeus dos séculos XVIII e XIX.²⁷ A natureza de coleccionador de «coisas curiosas» é visível no seu *Relato*, patente no seu vívido

24 Sobre a relação da viagem de Odorico, cf. edição crítica do seu *Itinerarium* em WIJNGAERT, *Sinica Franciscana...*, 1:381 e ss. Para esta nota, cf. 446.

25 *Ibidem*, 445.

26 BUFFON, *Khanbaliq...*, 19.

27 *Idem*.

espírito de observação e interesse pelo Oriente. A sua propensão para a narrativa das coisas maravilhosas e fantásticas fá-lo pender para uma certa mistificação fabulatória do oriente, principalmente da China, um exótico que alimentará o primitivo orientalismo setecentista de Montesquieu e Voltaire, segundo Buffon.²⁸

Parece que terá acompanhado Odorico um tal de «James of Ireland» (da Irlanda, ao que tudo indica) que, sendo talvez sacerdote, o poderá ter seguido na ida para o Oriente, visitando também algumas ilhas da Indonésia. Dois outros frades são referenciados na viagem do Beato Odorico da Pordenone ao Oriente, embora não se sabendo com segurança se estiveram na Indonésia: Fr. Michele da Venezia (Veneza) e Fr. Bernardo (talvez da região do Vêneto, também). Não se sabe sequer se terão estado na viagem de ida, por mar, ou de volta, por terra, não se esclarecendo se seguiram Odorico entre a Pérsia e a China por trajecto marítimo e, eventualmente, o acompanharam na Indonésia, ou se estiveram com o Beato a caminho da Pérsia e, depois, daqui para a Europa.

Mas recordemos a descrição de Java por Odorico. O seu *Relato* é muito interessante por vários motivos. Odorico desponta (quase) sozinho entre os viajantes medievais europeus capazes de distinguir claramente Java de outras ilhas ao seu redor. Marco Polo chamou Java de «Grande Java» e Sumatra de «Java Menor», por exemplo. Niccolò de' Conti usou um nome semelhante a Java para duas ilhas, uma provavelmente Java e a outra não identificada – possivelmente Bornéu. Odorico, todavia, usa convenientemente «Java» (originalmente «Iaua») em referência à ilha que agora chamamos de Java. Odorico considerou também que o «rei» de Java era poderoso – poderoso o suficiente para ter derrotado o Khan Mongol e ter sete vassalallos a ele subordinados. Esse monarca, refere, vivia num palácio extraordinária e ricamente decorado, coberto de ouro e prata, bem como de figuras de cavaleiros em armaduras. A descrição, que enfatiza a riqueza e o poder de Java e do seu soberano, assim diz:

E há uma grande ilha chamada Jana. E o rei daquele país tem sete reis abaixo dele, pois ele é poderoso. Naquela ilha crescem todos os tipos de especiarias mais abundantes do que em qualquer outro lugar – gengibre e todas as outras especiarias. Todas as coisas estão lá em abundância, menos vinho.

E continua.

28 *Idem*.

O rei desta terra tem um palácio encantador e rico. Pois todas as escadas [conduzindo] para o corredor e as câmaras são alternadamente uma de ouro e outra de prata. E todas as paredes estão cobertas com placas de ouro e prata. E essas placas estão escritas [pintadas?] com histórias de cavaleiros e grandes batalhas. E o pavimento da sala e das câmaras é de ouro e prata. E ninguém acreditaria na riqueza que está lá, senão aquele que a viu. E este rei é tão poderoso que muitas vezes superou o Grande Khan de Cathay [China], que é o imperador mais poderoso de todo o mundo.

A descrição de Java como um lugar importante – uma ilha que não carece de nada governada por um rei poderoso, um rei capaz de derrotar o Grande Khan em guerra, que mora em um palácio brilhante – contém um fundo de verdade. Os mongóis realmente tentaram conquistar Java algumas décadas (1292) antes da visita de Odorico, tendo sido derrotados (embora mais por subterfúgios do que pela força das armas). Java era inegavelmente rica e de facto tinha grandes reservas de arroz e outros alimentos. Vinho de uva certamente não era fermentado lá, mas outras bebidas alcoólicas seguramente eram. Mais interessante do que qualquer informação factual no relato, porém, é o facto de que ele existe. Java, graças a Odorico, insere-se de forma notável e com grande prestígio, no mundo medieval, tornando-se uma das regiões do Extremo Oriente que maior impressão causava no Ocidente.

Uma outra interessante figura franciscana que visitou a Indonésia ainda no século XIII foi o bispo Giovanni da Marignolli, legado papal que terá estado, ao que tudo indica, em Sumatra depois de Julho de 1347.²⁹ A sua estada em vários portos do actual arquipélago da Indonésia terá ocorrido na viagem de regresso da China, para onde se terá dirigido por via terrestre. Relata Marignolli que esteve uma ou duas vezes com uma rainha da ilha, de nome *Tribhuwana* (de seu nome Tribhuwana Wijayatunggadewi, nasceu antes de 1309 e morreu depois de 1350), que reinou entre 1329 e 1350. Marignolli chama a este reino de *Sabá*, identificado por alguns historiadores com o de Majapahit, um reino hindu-budista, talassocrático, que existiu entre 1293 e 1527, com sede em Trowulan (perto da actual Mojokerto), no leste de Java. Tinha estados-vassallos em Sumatra, na península Malaia e estendia-se até à Papua-Nova Guiné. Curiosamente, Marignolli menciona ter encontrado alguns cristãos na região, que tudo indica serem nestorianos,

29 Cf. WIJNGAERT, *Sinica Franciscana...*, 1:517, nota (4). A *Relatio* da viagem de Marignolli está também publicada na *Sinica Franciscana*, 1:514 – 560. Alguns autores apontam a data de 1338, como GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...*, 312.

atendendo às tradições (relacionadas com os Reis Magos e com o profeta Elias) descritas pelo bispo franciscano no seu relato.³⁰

Esta(s) visita(s) continua(m) envolta(s) em controvérsia entre os estudiosos de Marignolli e dos seus périplos asiáticos. A maior parte dos historiadores, no entanto, refere uma só visita; outros, como Golubovich, destacam duas visitas a Sumatra.³¹ Não restam dúvidas, de qualquer modo, que o bispo franciscano terá visitado com atenção a grande ilha indonésia. Na sua *Relatio* da viagem ao Oriente, o religioso lembra também que a tal rainha – que terá visto várias vezes na(s) sua(s) estadas em Sumatra –, generosamente lhe terá ofertado vários presentes. Aludiu também ao facto de existirem poucos cristãos (... *sunt enim ibi pauci Christiani*)³² nas terras de Sumatra por onde andou, mas considerava-se capaz de fazer algum bem às *almas* da terra.³³ Estes cristãos seriam oriundos provavelmente da Índia, dos chamados «cristãos de S. Tomé», conquanto alguns autores sublinhem tratar-se de novas comunidades de convertidos anteriormente pelo próprio Beato Odorico da Pordenone,³⁴ ideia que se frequenta igualmente na *Crónica dos 24 Gerais*, escrita quase toda antes de 1369. Uma discussão com a vantagem de recordar que estes missionários franciscanos em demanda da China, nos séculos XIII e XIV, nunca deixaram de tentar pregar ou baptizar nas terras por onde passavam e aportavam nas suas viagens marítimas, como relata Montecorvino várias vezes. Quanto aos companheiros de jornada do bispo Marignolli nesta viagem pela Indonésia, as informações não são seguras, mas acredita-se que a sua importante missão de legados papais exigisse acompanhamento tanto de religiosos como de serventes seculares.

Depois de Marignolli e da sua crónica de viagem, não mais se encontram vestígios de franciscanos a aportar ou viajar em terras da Indonésia ou da península Malaia na Baixa Idade Média, mas provavelmente poderão ter andado mais filhos de S. Francisco por aquelas paragens.³⁵ Não deixaram, no entanto, relatos das suas viagens ou dos seus itinerários. De qualquer modo, os textos actualmente preservados das viagens destes missionários franciscanos europeus da Baixa Idade Média ajudam-nos a definir uma rota marítima relativamente estruturada, em comunicação com as redes comerciais intra-asiáticas, demoradamente usada, entre outros, por mercadores persas e comerciantes muçulmanos antes ainda da viragem do ano 1000. Assim, os mais destemidos e aventureiros atravessariam directamente por mar de Ceilão até Takola, os outros fariam uma navegação à vista da costa, contornando

30 GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...*, 312.

31 WIJNGAERT, *Sinica Franciscana...*, 1:517; GOLUBOVICH, *Biblioteca...*, 2:293.

32 Cf. WIJNGAERT, *Sinica Franciscana...*, 1:531; GOLUBOVICH, *Biblioteca...*, 4:274.

33 *Idem.*

34 MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 20.

35 *Ibidem*, 21.

o golfo de Bengala por Mergui e Pegu, na Birmânia (Myanmar); depois, se não atravessassem o istmo de Kra de Takola para Pak Phanang, na Tailândia meridional, seguiriam por Kalang, Kedah e Kuala Terengganu, na costa oeste da Malásia, ou, se seguissem por Sumatra, visitavam Lambri (ou Lamuri, um centro importante do reino budista talassocrático de Sriwijaya, sécs. VII-XII, incluindo Sumatra, Java e península da Malásia), Samudra, Peurelak (ou Parllak), Malaca (na Malásia), Jambi, Telangaipa e Palembang (Sumatra, novamente). Depois, dava-se a chegada a Java, onde era frequente visitarem os espaços que, actualmente, correspondem a Jakarta, Tuban, Surabaya e à ilha de Madura (litoral norte oriental de Java). Daqui, se não fossem por Bornéu (ou para os que não aportavam a Java), seguiam pela costa leste da Tailândia até à sua antiga capital, Ayutthaya, de onde rumavam a Tonquim (actual Norte do Vietname), pelo delta do rio Mekong e seguindo pela costa até Faifo (Hoi An), depois para a ilha de Hainan e, a seguir, por Cantão ou a referida Zaitun, para o coração da China, fosse para Khanbaliq, fosse para Loyang ou Chang'an. Em todos estes locais provavelmente terão encontrado árabes, persas ou indianos, e entre estes dois últimos povos, alguns cristãos, isoladamente ou em pequenas comunidades.³⁶ Era também possível encontrar arménios, quase todos cristãos monofisitas. Entre os Persas, achar-se-iam nestorianos e entre os árabes alguns cristãos de rito siríaco (e entre estes jacobitas, que estariam em número razoável no Sudeste Asiático ao longo da Idade Média). Entre os indianos era possível deparar com cristãos, de rito Siro-Malabar, por exemplo, que, não reunindo um número significativo e constante de fiéis,³⁷ seriam escassos em regiões do Sudeste Asiático.

A presença destes comerciantes convocava frequentemente também um fundamento religioso, principalmente para os persas que gozavam de grande reputação no comércio de pérolas e gemas, recordando a parábola de Mateus 13,45-46.³⁸ O grande preço das pérolas estimado por Jesus na parábola suscitava entre os cristãos de rito siríaco um interesse e uma demanda tão grandes como a do *Graal* no Ocidente. Se este foi usado como cálice na Última Ceia, a pérola teria sido um bocado de miolo do pão usado também naquela sagrada refeição.³⁹ Uma situação ainda sublinhada no princípio do século XVI pela célebre *Suma Oriental* de Tomé Pires, arrolando entre as *nações* que encontrou em Malaca aquando da sua primeira visita à cidade «gen-

36 GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...*, 308.

37 *Ibidem*, 308-310.

38 *O tesouro e a pérola*: «O Reino de Deus é também semelhante a um negociante que procura boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.»

39 Esta demanda de pérolas pelos persas é muitas vezes repetida na literatura chinesa do período T'ang. GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...*, 352, nota (5) do cap. XI.

tes» de Ormuz, *Parsees* (zoroastristas da Pérsia e Índia) e cristãos arménios.⁴⁰ Uma descrição que contrasta com a fixada cerca de 1510 pelo viajante italiano Ludovico de Vartema que, tratando igualmente de Malaca, não recorda a existência de estrangeiros cristãos na cidade.⁴¹

As sucessivas visitas dos franciscanos que seguimos comprova a existência de contactos medievais entre a Europa e o Sudeste Asiático, apesar de frágeis e sem continuidade, ao sabor de ousadias e espírito aventureiro, em viagens de regresso da China por mar e, acima de tudo, com base nas referências e eventuais auxílios que constituíam as comunidades ou actividades isoladas de mercadores cristãos da Ásia ocidental e da Índia na região. Sem estes, aqueles Franciscanos e todos os outros frades que anonimamente deambularam pela Insulíndia e pelo Índico Oriental, não teriam conseguido concretizar os seus périplos ou conhecer minimamente as regiões por onde andaram. Torna-se, pois, clara a existência de mercadores cristãos que viajavam e comerciavam por todo o Sudeste Asiático, da Índia à Birmânia, Tailândia, Malásia, Sumatra e Molucas, fossem nestorianos ou jacobitas, malabares, persas ou arménios, como eram os que cruzavam o mar da China Meridional entre Cantão, Formosa ou Hainan e Java ou Birmânia.⁴² Assim, temos algumas questões: antes de 1500, quantos seriam, ou em quantas comunidades estavam estabelecidos, a sua localização e qual o seu raio de influência e acção missionária? Estas e outras questões merecem resposta, como as que já se conseguem encontrar para as mesmas interrogações em relação a regiões como Malaca, Pegu, Majapahit ou Ayutthayah, para além das fortes probabilidades de Barus, em Sumatra, por exemplo. Depois, vem a conquista de Malaca em 1511 pelos portugueses e a sua chegada às Molucas em 1512. Como é que conheceram as riquezas e potencialidades dessas regiões, como é que lá chegaram com tanta segurança e rapidez? Para além das informações recolhidas localmente e o acesso a fontes cartográficas e informativas asiáticas, não é de menosprezar tanto a frequência desses relatos e lendas medievais, de Franciscanos como de seculares, como também a existência de mercadores e pilotos cristãos no Índico. Seja como for, a expansão marítima portuguesa na Ásia mobilizou outros religiosos católicos, muitos e de diversas origens e ordens, suplantando os outros ritos e comunidades cristãs orientais, mais antigos na região, mas com menos efectivos e uma capacidade proselitista mais reduzida.

40 Cf. Armando CORTESÃO, trad. & ed., *The Suma Oriental of Tomé Pires. An Account of the East, from the Red Sea to Japan [...], and the Book of Francisco Rodrigues [...]* (Londres, 1944), 2:268.

41 Vartema conhecia a má reputação dos guias cristãos dos navios que demandavam a Insulíndia, pelo que poderá ter evitado mencioná-los no seu relato de viagem. Poggio BRACCIOLINI, Lincoln Davis HAMMOND e Lodovico de VARTEMA, *Travelers in Disguise. Narratives of Eastern Travel* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963), 184.

42 GILLMAN e KLIMKEIT, *Christians in Asia...* 313.

4. A MISSIONAÇÃO FRANCISCANA PORTUGUESA NO SUDESTE ASIÁTICO NOS SÉCULOS XVI E XVII

Contrastando com a dificuldade em reconstruir rigorosamente os itinerários e sentidos das viagens medievais de franciscanos na Ásia, as missões dos Frades Menores na Ásia do Sul e do Sudeste Asiático nos séculos XVI e XVII fixaram-se num discurso cronístico português importante: a *Conquista Espiritual do Oriente*, de Fr. Paulo da Trindade, OFM⁴³. Animada de um escopo laudativo, apologético, abonatório da Ordem dos Frades Menores, esta crónica reúne extensa informação, muitas vezes documentada, alimentando novos conhecimentos geográficos e históricos que interessam para a renovação dos estudos de história da missionação católica no Sudeste Asiático. Para se perceber o interesse deste trabalho cronístico, comece por se fixar a colecção de regiões do Sudeste Asiático e da Ásia do Sul demoradamente tratadas enquanto espaços também de missionação franciscana.

Região	Designação actual	Capítulos	Páginas
Pegu	Myanmar	74 - 78	344-371
Malaca	Malaca (Malásia)	79 - 88	372-426
Sião	Tailândia	89 - 96	427-464
Camboja	Camboja	97 - 98	465-477
Maluco, Amboim, Borneo, Solor, Pão, Pera, Aru	<i>Ilhas da República Indonésia</i>	100	482-487
Macáçar	<i>Macassar (Celebes ou Sulawesi), Indonésia</i>	101	488-493
Champá, Cochinchina	Vietname	102	494-497
China (Macau, Cantão)	China Meridional	103 - 108	498-528
Japão	Japão	109 - 114	529-552
Macau	Macau (R. P. China)	115	553-556
Japão	Japão	116 - 117	557-566

Este leque de regiões visitadas e lavradas pelo labor missionário franciscano reserva uma riqueza descritiva revelando interesses que ultrapassavam o das missões religiosas. Antropologia, geografia, cartografia, rotas de comércio e exploração dos

43 Fr. Paulo da TRINDADE, *Conquista Espiritual do Oriente*, intr. e notas de F. Félix LOPES, OFM (Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1967).

territórios, acompanharam a cruz evangelizadora franciscana nestas paragens. Que não estava sozinha, pois também por ali andaram missionários – e missões – de dominicanos, jesuítas e agostinhos. Poucas crônicas em língua portuguesa documentam tão bem e de forma tão abrangente, enquanto crônica e livro, a epopeia missionária portuguesa no Sudeste Asiático e Extremo Oriente. Muitas serão as leituras e informações periféricas que se poderão convocar a partir de uma leitura densa da *Conquista Espiritual do Oriente*, mas importa procurar reter algumas perspectivas panorâmicas.

A abrir, o trabalho cronístico permite esclarecer que as Missões centrais dos Franciscanos portugueses na Ásia eram Goa, Malaca e Macau. Manila era a correspondente no caso dos franciscanos espanhóis. A primeira diocese portuguesa em que se enquadraram as missões franciscanas e de outras ordens no Sudeste Asiático, concretizando em termos jurídico-canônico o chamado Padroado Português do Oriente, foi Malaca, criada em 4 de Fevereiro de 1557, pela bula de Paulo IV *Pro Excellentí*. A diocese compreendia todos os territórios de Pegu (Birmânia) até à China e os arquipélagos de Solor, Timor, Amboíno, Banda, Moro, Molucas, «em que se incluem grande multidão de ilhas, em que há mais de trezentos mil cristãos naturais».⁴⁴ Atendendo talvez a esta exagerada representação tão tópica do optimismo da cronística barroca, os bispos de Malaca funcionavam também como inquisidores. Para além da organização eclesiástico-missionária, a crônica permite perceber diversas dimensões e sentidos religiosos, culturais e simbólicos das aventuras missionárias franciscanas no Sudeste Asiático e na Ásia do Sul... Faltam ainda estudos especializados que afirmem os resultados destas missões, se fracassos ou êxitos (relativos), ou sobre a incapacidade cultural de penetrar nas populações, além de esclarecer se os franciscanos andariam disfarçados de mercadores ou que outros tipos de estratégia usaram para se misturarem nas populações. Seguindo a perspectiva cronística e também documental, clarificar estes resultados de forma institucional: conventos, paróquias, confrarias, hospitais, por exemplo. Depois, é preciso avaliar a questão do martírio.

5. MISSÕES FRANCISCANAS A PARTIR DAS FILIPINAS (SÉCS. XVI-XVII)

O desenvolvimento de uma missão franciscana moderna no Sudeste Asiático, ao longo dos séculos XVI e XVII, ressalta ainda da instalação dos Menores nas Filipinas, acompanhando a transformação de Manila em grande metrópole católica regional. Apesar dos religiosos franciscanos fixados nas Filipinas serem, como se sabe, maioritariamente espanhóis, ainda assim é possível encontrar alguns religiosos

⁴⁴ Diogo do COUTO, *Década Quarta (-Setima) da Asia* 7, l. 8, cap. 2. Cf. *Bullarium Patronatus*, da CONGREGAÇÃO DA PROPAGANDA FIDE.

portugueses (com maior destaque entre 1580 e 1640) professos na província de S. Gregório Magno. Trata-se, em larga medida, de uma história praticamente por fazer, embaraçada por conhecidos preconceitos que, entre historiografia nacional e memória imperial, persistem em limitar a dimensão europeia e plurinacional da expansão ibérica também no Sudeste Asiático. Seja como for, entre as fontes actualmente disponíveis arrole-se um curioso livrinho de Fr. Apolinário da Conceição,⁴⁵ esclarecendo mesmo que não eram poucos os religiosos portugueses que terão andado nas Filipinas.

Instalados em Manila desde 1578, os franciscanos das Filipinas espalharam as suas viagens e missões pelo Mar da China Meridional e pelo Sudeste Asiático, com destaque para as Molucas e Tailândia, alcançando também o Japão. Em Macau encontravam-se também com frequência franciscanos oriundos do arquipélago filipino. Estas aventuras missionárias eram partilhadas por outras ordens instaladas nas Filipinas, sendo conveniente sumariar panoramicamente a expressão geográfica deste movimento missionário:

Região	Ordens
China	OSA (1575); OFM (1579); OP (1590)
Formosa (espanhola em 1595)	OP (1626-42); OFM (meados séc. xvii)
Japão	SJ (2ª metade xvi); OFM (1592); OP (1602-37); OSA (1602); ORSA (1662 ⁴⁶)
Vietname (Cochinchina)	OFM (fins séc. xvi) ⁴⁷ SJ (maioritariamente franceses depois); OP (1676)
Tailândia (Sião)	OFM (séc. xvii) ⁴⁸
Camboja	OFM (fins séc. xvi)
Indonésia (Molucas)	OFM
Sulawesi (Celebes)	OFM

⁴⁵ Fr. Apolinário da CONCEIÇÃO, OFM, *Seculos da Religião Serafica Brilhante em todos comseus religiosos leigos, dos quaes se expoem huns illustrados com o dom da sciencia, de outros se apontaõ os escriptos, dos Canonizados, e Beatificados os nomes, e de muitos varios Apothemas espirituales, e doutrinaes* (Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736).

⁴⁶ Entre eles, o Pe. Vicente de Carvalho, português.

⁴⁷ Da Província Franciscana de S. Gregório Magno, nas Filipinas.

⁴⁸ Provenientes das Filipinas, serviam / apoiavam a comunidade portuguesa na capital do Sião, Ayuthia.

Rapidamente se percebe que os religiosos menores das Filipinas se espalharam por todo o Sudeste Asiático com a exclusão, como era normal, das regiões islamiizadas da Indonésia e da Malásia, nas quais o que sobrava em missão exagerava o trato mercantil e, algumas vezes, o afrontamento violento. Trata-se de uma dispersão geográfica que apela a várias investigações de caso que, a concretizarem-se futuramente, podem concorrer para esclarecer a verdadeira dimensão, entre o fragmentário e o intensivo, destas missões religiosas que mobilizavam pequenos grupos de religiosos longe de estratégias estruturadas e continuadas. Um caso de estudo especialmente importante que ajuda a destacar os vários sentidos dos esforços destes missionários franciscanos saídos das Filipinas encontra-se na missão franciscana das Molucas. Em 1606, sai de Manila uma armada dirigida pelo governador espanhol das Filipinas, Pedro Bravo de Acuña, procurando combater a presença de Holandeses (comandados por Wibrand) nas ilhas Molucas, remontando a 1593. Na expedição seguiam quatro frades franciscanos. Estabeleceram-se estes religiosos em Ternate, onde fundaram uma igreja, um pequeno convento – mais rigorosamente, um oratório – e um hospital, instalações construídas em madeira. Foi depois mudado o conventinho para outro lugar, mais cómodo e seguro, de forma a poder expandir-se, o que sucedeu a partir de 1626. Este convento tornou-se o centro das missões franciscanas na Indonésia central e oriental.⁴⁹ Descubrem-se, a partir daqui, várias missões franciscanas em Sulawesi (Celebes):⁵⁰ uma missão em Cauripa fundada pelo Pe. Sebastian de S. José, primeiro missionário nas Celebes que, em meados do século XVII, parece ter despertado algum interesse entre os régulos locais; a missão de Bool é criada em 1612 por Juan de Caño e Cristóbal Cruz, mas sem conseguir quaisquer resultados; actividade missionária franciscana em Macassar esclarece-se entre 1619-1662, mas sem alcançar qualquer sucesso; por fim, a missão de Manado, erigida em 1619, pelos religiosos Pascual Torrelas e Benito Diaz, parece ter funcionado como o centro missionário mais importante, gerando outras missões mais pequenas, mas cessaria as suas actividades em 1644, devido a uma revolta anti-espanhola que, de contornos ainda por definir, ajuda a esclarecer a relação entre missão e expansão colonial em territórios progressivamente ganhos por essa outra missão que ficou, a muçulmana. Noutros lugares da Indonésia encontram-se religiosos franciscanos das Filipinas, como em Jilolo, nas Molucas, uma missão fundada em 1613, mas que teve curta duração. Outro exemplo é o da ilha de Sanguir, com as missões de Tabuca e Calonga, activas entre 1639 e 1656, com alguns resultados. Mesmo não sendo

49 Cf. em «Missões Franciscanas em Celebes (Sulawesi)», Félix Segundo HUERTA, OFM. *Estudo geográfico, topográfico, estadístico, histórico, religioso de la santa apostólica provincia de San Gregorio Magno* (Binondo, 1865).

50 *Idem*.

possível actualmente reconstruir na globalidade as actividades de missionários franciscanos das Filipinas no Sudeste Asiático, impõe-se uma conclusão incontornável: fracasso. A cronística franciscana, de ontem e de hoje, procura explicar o enorme fracasso através dessas constelações de causações tradicionais, misturando às razões internas a «incompreensão» e «hostilidade» externa de populações conquistadas por outras «infidelidades» e «superstições» religiosas. Escreve-se, assim, sobre os assassinatos de religiosos, a sua falta de permanência constante e activa, devido à itinerância pregacional da sua actividade missionária, destaca-se igualmente a falta de continuidade de uma «metodologia» missionária clara e distinta associada a uma evidente carência de efectivos missionários mais precisos nas próprias Filipinas ou em espaços de maior prestígio missionário como o Japão. Explicações culturais e sociais não estão estudadas, investigando nomeadamente essa popularidade social que se agregou no Sudeste Asiático a um islamismo espalhado por comerciantes e missionários sufis, erguendo ulemas e confrarias em que uma sociabilidade igualitária masculina funcionou como poderosa alternativa vivencial e cultural ao peso das linhagens tradicionais. Em contraste, os missionários católicos tratavam de procurar a conversão de poderes e senhores, aprender os seus hábitos de cortesia, verdadeiramente missionando as franjas superiores das sociedades locais, concorrendo mesmo para firmar as suas dominações sociais como aconteceu nas Molucas ou em Timor. A interpretação do fracasso dos franciscanos oriundos das Filipinas soma-se, afinal, a um fracasso quase geral das primeiras missões católicas que, nos séculos XVI e XVII, percorreram os diferentes espaços que hoje organizamos como Sudeste Asiático. O desenvolvimento de uma investigação atenta às relações entre história e antropologia, estudando não apenas missionários e suas missões mas também, senão principalmente, os espaços e as gentes que se pretendiam missionar, deverá ligar-se ainda à urgente necessidade de incorporar os testemunhos históricos das próprias populações e culturas locais que, da oralidade a várias produções culturais, impõe essa espécie de *history from below* que continua a faltar escandalosamente nessa história de «descobrimientos» e «missões» portuguesas que ainda não conseguiu incluir o espaço dos outros na própria estratégia que decide a investigação.

6. OS FRANCISCANOS PORTUGUESES NO «ARQUIPÉLAGO»

Depois das incursões pontuais e ainda envoltas numa certa imprecisão geográfica e temporal, os Franciscanos encetam, a partir de Quinhentos, aquilo a que poderíamos referir como uma continuidade em termos de presença e, mesmo, um quadro de actividade missionária regular. A missão franciscana verdadeira, no Arquipélago, começa com a conquista de Malaca pelos Portugueses em 1511 e a irradiação de

religiosos subordinados ao Padroado Português do Oriente pelo arco de ilhas do que é hoje a Indonésia. Começarão de forma irregular, dispersa e ao jeito de apreender a geografia, ou seja, a insularidade, com as suas distâncias, além das paisagens, gentes e povos, para não falar do clima, das monções, dos vulcões e massas florestais. Macassar (Celebes, ou Sulawesi), Amboína (Ambon) e outras ilhas das Molucas, mais Solor, são os primeiros espaços visitados pelos Menoritas, na primeira metade do século XVI. Depois, temos uma abordagem mais direccionada, entre 1585 e 1598, no reino de Balambangan, em Java. Como este trabalho não passará muito para além da conquista de Malaca pelos Holandeses em 1641, depois da instalação destes no Arquipélago desde 1602, não abordaremos a presença franciscana nas ilhas depois do terceiro quartel do século XVII. Todavia, a conquista de Malaca determina o enfraquecimento da posição portuguesa no Sudeste Asiático e, conseqüentemente, da sua acção missionária. Assim, a acção dos religiosos nas Celebes entre 1610 e 1624, em Manado e Macassar, ou a irradiação nas Molucas entre 1606 e 1666, fazem parte deste estudo, bem como a missão na ilha de Sangihe, a nordeste das Celebes, entre 1640 e 1666, com o regresso a Manado neste último ano. As conseqüências da queda de Malaca são também importantes, até ao começo do último terço de Seiscentos, época de início da missão em Aceh (1668-1775), bem como em Timor.

Entre 1630 e 1636, data em que Fr. Paulo da Trindade⁵¹ redige a *Conquista Espiritual do Oriente*, uma das grandes fontes para a história do Franciscanismo no Oriente português, ou a única, pouco se sabia sobre a presença de frades na região da actual Indonésia. A custódia de Malaca surgiu a partir da província franciscana da Madre de Deus, com sede em Goa, na Índia Portuguesa. Em 1584, passou a estar na província de S. Tomé, a outra circunscrição franciscana portuguesa no Oriente. Assim, como é que tão pouco se sabe das missões franciscanas portuguesas na Indonésia, área subordinada à custódia de Malaca? Além de que Fr. Paulo da Trindade,

51 Novamente publicada em 1962: Fr. Paulo da TRINDADE, *Conquista Espiritual do Oriente (...)*, com actualização linguística e estudo por Fr. Fernando Félix LOPES OFM, 3 vols. (Lisboa: CEHU, 1962-1967); ver também Patricia Souza de FARIA. «Paulo da Trindade», in *Christian-Muslim Relations. A Bibliographical History 1500-1900*, coord. por David THOMAS y John CHESWORTH (Leiden: Brill, 2016), 11:201-206; J. A. F. CARVALHO, «Il senso della ‘conquista spirituale’ dell’ Oriente da parte dei francescani, secondo fra’ Paolo da Trindade O.F.M.», in *L’Europa e l’evangelizzazione delle Indie Orientali*, ed. por Luciano VACCARO (Milan: Centro Ambrosiano, 2005), 235-248; Zoltán BIEDERMANN, «El espacio sujeto al tiempo en la cronística franciscana: una relectura de la *Conquista espiritual de Oriente* de Fr. Paulo da Trindade», in *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*, ed. por Federico PALOMO (Madrid: Universidad Complutense, 2014), 221-242; Vitor Gomes TEIXEIRA, «Fr. Paulo da Trindade, OFM. Cronista macaense», *Revista de Cultura* 28 (2008): 6-15. TEIXEIRA, «Acerca de uma certa erudição macaense. Dois “filhos da terra” nas letras barrocas portuguesas», in *O Macaense. Identidade, Cultura e Quotidiano*, ed. por R. CARNEIRO et al. (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019), 249-284.

macaense de origem e frade professo em Goa, além de ter sido Comissário-Geral na Índia, como é que, tendo fácil acesso a toda a documentação franciscana no Oriente, não reporta muito na sua obra maior acerca das missões e presença de frades da sua ordem nos Arquipélago?

Na *Conquista Espiritual do Oriente*, Fr. Paulo da Trindade (c. 1570-1651), filho da província de S. Tomé, com efeito, fornece copiosa informação para a Índia e Ceilão, mas menor em relação a Malaca ou ao reino de Sião. A sobriedade é ainda maior para as ilhas de Java, Celebes e Sumatra, além da China (de onde era natural o Autor...) e do Japão. Sobre a Custódia de Malaca, foi aberta pela custódia descalça espanhola de S. Gregório das Filipinas, que antes abriu um convento em Macau em fins de 1579 e, a seguir, outro em Malaca. Entretanto, na senda da União Ibérica, o ministro geral Fr. Francisco Gonzaga, por patente de 13 de Março de 1584, separou os conventos de Malaca e Macau da custódia alcantarina das Filipinas, mandando repovoá-los com frades das províncias portuguesas da Piedade, Arrábida e Santo António. Foi com essas duas casas que se formou a custódia de S. Francisco de Malaca, de perfil capucho. No entanto, a nova custódia malaqueira ficou na dependência mediata da província observante de Portugal e imediata da custódia observante de S. Tomé da Índia. Foi extinta em 1612, passando os seus conventos e frades para a custódia capucha da Madre de Deus da Índia.⁵²

As primeiras missões franciscanas parecem ter surgido na primeira metade do século XVI, durante o reinado de D. João III (1521-1557), antes da fundação da comunidade de Malaca. Os intentos terão começado a partir da conquista de Malaca, provavelmente nas Molucas e nas Celebes. Há notícias de pedidos de frades para Macassar (Celebes). Meersman⁵³ refere, a partir desses intentos não cumpridos, ou de que se não conhece concretização, que Ambon acabou por ser o destino dos frades, mas em 1538. Como muitas aldeias se converteram ao Cristianismo na região, por acharem que os portugueses os defenderiam melhor, e outros motivos, desponhou uma necessidade de clérigos para apoiarem as cristandades nascentes. Sugeriu-se que fossem franciscanos a cumprir tal escopo.⁵⁴ Em Macassar, acham-se possivelmente frades em 1595, além de que o próprio topónimo pode remeter para uma designação de abrangência que não efectivamente a cidade homónima nas Celebes.

52 Fr. Fernando Félix LOPES, «Custódia de S. Francisco de Malaca. Sua fundação», *Itinerarium* 7 (1961): 246-273. Reproduzido em *Colectânea de Estudos de História e Literatura* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997), 3:241-263. Ver António Montes MOREIRA. «A Ordem dos Frades Menores no Portugal moderno: uma visão global», *Lusitania Sacra*, nº 44 (2021): 15-57.

53 MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 30-31.

54 C. WESSELS SJ, *De Geshiedenis der R. K. Missie in Amboina, 1546-1605* (Nijmegen-Utrecht, 1926), 6, cit. por MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 31.

Na fundação da custódia de Malaca estão vinte frades designados, em 1584, a que se juntarão outros em 1606. Os frades não iriam ficar adstritos unicamente à feitoria de Malaca, mas antes daí enxameariam em missão, já que o mesmo estavam a fazer jesuítas e dominicanos, em número importante.⁵⁵ Aliás, a maioria da população em Malaca era muçulmana, não havia muito campo de acção para missões católicas. Se alguns frades desse grupo fundacional da custódia rumaram a Macassar, não se sabe, as referências são poucas e vagas, incertas. Sobre a presença de frades nas Molucas no mesmo período, até à conquista holandesa de Tidore, em 1605, não existem também certezas ou possibilidade de se ter um fio cronológico coerente.

A primeira referência concreta de um frade rumar de Malaca à Indonésia data de 1588, em missiva do custódio Fr. António dos Reis ao rei de Portugal, Filipe I (II de Espanha), que refere que quatro terão ido para Pegu (Birmânia) e quatro para Java, além de quatro para o Camboja. Tudo corre devagar, diz o custódio, sem grandes resultados.⁵⁶ Na mesma missiva, pede autorização ao rei que permita a ida de alguns frades para Solor, onde os dominicanos estavam em acção e com resultados, pois havia vários régulos a clamar por religiosos para nos seus territórios baptizarem e exercerem os seus ministérios. A pretensa missão franciscana para Solor começou antes da resposta do rei, pois eram muitos os apelos a que se efectivasse, pelo número de cristãos que ali estava em crescendo. Fr. António dos Reis enviou três frades em 1589 para Ende, na companhia de um tal Pero de Carvalhais, funcionário régio que conhecia a região e que sem ele não se conseguiria para lá ir. O rei, recorde-se, autorizou em Outubro de 1589 a ida dos frades, que a essa data já lá andariam.⁵⁷ Tudo indica que não durou muito tempo a ajuda dos franciscanos aos dominicanos em Solor, nem terão sido muitas as conversões.

Foram muitas as dificuldades sentidas no Arquipelago, como também nas Molucas e Ambon, que sofreram muito com a chegada dos holandeses a partir de 1605. Entretanto, desde 1585, quatro frades trabalhavam em Java (Fr. Pedro de Arouca, Fr. Jorge de Viseu, Fr. Manuel de Elvas e Fr. Jerónimo Valente).⁵⁸ Estes quatro tinham sido enviados para o reino hindu de Balambangan, no oeste de Java, onde fizeram algumas conversões, mesmo na elite em torno da família real. Dois deles foram para Panarukan, uma cidade portuária. Mas acabaram por ser perseguidos, como quase todos os do grupo. Regressaram a Malaca, quatro anos volvidos. As doenças marcaram a presença destes frades em Java. Fr. Jerónimo, por exemplo,

55 MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 34.

56 *Ibidem*, 35.

57 Fernando Félix LOPES OFM, «Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590», *Studia*, nº 9 (1962): 133-134.

58 MEERSMAN, *The Franciscans in the Indonesian...*, 47.

depois de regressar a Malaca, logo acabou por morrer. Fr. Manuel de Elvas rumou à Índia, não mais regressando a Java. Todavia, poderão ter ido um ou dois mais frades de Malaca para Panarukan, onde em 1596 são assinalados «black christians» e vários portugueses a viverem (em Banten), o que faz deduzir a presença de um sacerdote a capelanejar a comunidade católica. A missão católica terá terminado em 1598 ou 1599, segundo Meersman.⁵⁹ Na região, até ao século XIX, não mais se veriam padres católicos.

7. CONCLUSÃO

Malaca caiu em 1641. A base operacional de irradiação missionária portuguesa perdeu-se. As missões dependentes do bispo de Malaca caíram. As missões tornaram-se eventuais, desarticuladas e sem grande apoio, enfrentando as vicissitudes geopolíticas de estarem inseridas num arquipélago dominado pelos Países Baixos, calvinistas e anti-papistas. A maioria da população abraçou o Islão, de forma pacífica e sem resistências maiores, deixando para trás uma inculturação hindu que nunca foi efectiva nem enraizada na população, com excepção de alguns quistos, como Bali e alguns pontos em Java, onde ainda perdura. A cristianização de matriz católica permaneceu na parte oriental, activada pelas missões dominicanas, em parte pelas jesuítas. As missões franciscanas nas Celebes, em Macassar e Manado (1610-1624), não resultaram em grandes conversões, ainda que tenham sido importantes junto das comunidades mestiças (Topasses, Mardicas) de origem portuguesa, como sucedeu nas missões seiscentistas nas Molucas (1606-1666), embora com poucos efectivos e com muitas dificuldades, entre doenças e vicissitudes de ordem social, perseguições e problemas vários. Depois de 1660, o rasto dos frades apenas se adivinhou em Aceh, Sumatra, entre 1668 e 1775, mas em cenários difíceis, embora com resultados animadores. O nosso escopo prendia-se com as missões franciscanas até à queda de Malaca. Uma boa parte do cenário franciscano no Arquipélago que aqui reportamos, depois desse evento, passará a ser de matriz hispano-filipina, com excepção de Aceh, onde os frades eram lusos. Como em Timor, onde a presença franciscana se manifesta activa no século XVIII, a presença colonial portuguesa permitirá outros desempenhos. A seu tempo, voltaremos a estas missões pós-Malaca.

Por ora, pretende-se fixar a marca franciscana portuguesa na região, dentro do que é a tentativa de se colmatar algumas brechas na transição do hinduísmo para o Islão, em que algumas regiões ficaram afastadas dos centros islamizados de poder e se tornaram potenciais desideratos de conversão, como as Molucas, Timor, Solor, Flores e ilhas adjacentes, além de comunidades de Black Christians em Java ou

⁵⁹ *Ibidem*, 54.

de mestiços nas Celebes, para não falar nas Molucas, em torno do cravinho e das ferozes lutas entre portugueses e *moros*.⁶⁰ espanhóis e depois holandeses. Todo um contexto difícil, talhado para os franciscanos, de facto, mas que se esfumou em dificuldades depois da base e centro pivotal de Malaca ter mudado de mãos. O tema não se esgota aqui, fiquemos nestes pródromos, voltaremos em breve.

BIBLIOGRAFIA

- ANDAYA, Barbara Watson. «Christianity in Asia». In *Oxford Research Encyclopedia of Asian History*. 25 Jun. 2018. Retrieved 11 Jan. 2023. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277727.013.219>.
- ANDAYA, Barbara Watson. «Christianity in Modern Southeast Asia». In *The Routledge Handbook of Southeast Asian History*. Edited by Norman Owen, 235–245. Londres: Routledge, 2014.
- ANDRADA, Francisco de. *Chronica do muito alto e muito poderoso Rei d'estes Reinos de Portugal D. João 3º deste nome*. Lisboa: Jorge Rodriguez [editor], 1613. *Apologia dos Frades Menores em que se mostra quam grande fructo fizerão nesta Índia na propagação da Fé entre os Indios, e quam pouca rezão houve pera o Viso Rey Ayres de Saldanha meter os Padres da Companhia em Ceylão*. Ms. Pertencente a F. Félix Lopes, provavelmente estará agora no Arquivo da Cúria Provincial Franciscana ou na Biblioteca do Seminário da Luz, em Lisboa.
- BARBOSA, Duarte. *O Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1946.
- BIEDERMANN, Zoltán. «El espacio sujeto al tiempo en la cronística franciscana: una relectura de la *Conquista espiritual de Oriente* de Fr. Paulo da Trindade». In *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*. Editado por Federico Palomo, 221-242. Madrid: Universidad Complutense, 2014.
- BOULNOIS, Luce. *Silk Road: Monks, Warriors & Merchants*. Hong Kong: Odyssey Books & Guides, 2005.
- BRACCIOLINI, Poggio, Lincoln Davis HAMMOND, e Lodovico de VARTEMA, *Travelers in Disguise. Narratives of Eastern Travel*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1963.
- BUFFON, Giuseppe. *Khanbaliq. Profili storiografici intorno al cristianesimo in Cina nel medioevo all'età contemporanea (XIII-XIX sec.)*. Roma: Antonianum, 2014.

⁶⁰ Populações austranésias islamizadas nas ilhas de Mindanao, Sulu e Palawan, nas actuais Filipinas, mas que enxameavam nas regiões vizinhas no Sudeste Asiático no período em apreço neste estudo. São também conhecidas como *Bangsamoro*.

- Bullarium Patronatus Portugalliae Regnum in Ecclesiis Africae, Asiae atque Oceaniae curante Levy Maria Jordão*. Vol. 1 (-3) e «Apêndice». Lisboa: Typographia nationali, 1868-73.
- CÂMARA MANUEL, Jerónimo P. A. De. *Missões dos Jesuítas no Oriente nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.
- CARVALHO, J.A.F. «Il senso della ‘conquista spirituale’ dell’ Oriente da parte dei francescani, secondo fra’ Paolo da Trindade O.F.M.». In *L’Europa e l’evangelizzazione delle Indie Orientali*. Coordinado por Luciano Vaccaro, 235-248. Milan: Centro Ambrosiano, 2005.
- CIVEZZA, Marcelino da. *Storia Universal delle Missioni Francescane*. 11 vols. Roma-Prato-Florença: Tipografia Tiberina, 1857-1895.
- CIVEZZA, Marcelino da. *Saggio di Bibliografia, Geografica, Etnografica, sanfrancescana*. Prato: R. Guasti, 1879.
- Corpo Diplomatico Portuguez. Relações com a Cúria Romana*. Publicado por Luiz Augusto Rebello da Silva (e continuadores). 14 vols.. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias / Imprensa Nacional, 1862-1866.
- DAWSON, Christopher. *The Mongol Mission*. Londres-Nova Iorque: Sheed and Ward, 1955.
- Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente coligida e anotada por Artur Basílio de Sá. Insulíndia*. Vols. 1-6. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954-1988.
- Documentos Remettidos da India ou Livros das Monções publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato*. 3 vols. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1880-1885.
- EVETTS, Basil Thomas Alfred. *The Churches and Monasteries of Egypt and Some Neighbouring Countries, Attributed to Abu Salih the Armenian*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1895.
- FARIA, Patricia Souza de. «Paulo da Trindade». In *Christian-Muslim Relations. A Bibliographical History 1500-1900*. Coordinado por David Thomas y John Chesworth. Vol. 11, 201-206. Leiden: Brill, 2016.
- FARINHA, António Lourenço. *A Expansão da Fé no Oriental*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942.
- FRANKOPAN, Peter. *The Silk Roads*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2015.
- FRYKENBERG, Robert Eric. *Christianity in India: From Beginnings to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GIL, Juan. *La India y el Catay*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

- GILLMAN, Ian, e Hans-Joachim KLIMKEIT. *Christians in Asia before 1500*. Richmond: Curzon Press, 1999.
- GOLUBOVICH, Girolamo. *Biblioteca Bio-Bibliografica della Terra Santa e dell'Oriente Francese*. 5 vols. Quaracchi: Collegio di S. Bonaventura, 1926-1927.
- GONZAGA, Francesco. *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*. Venezia: Typographia Dominici Imberti, 1603.
- HAW, Stephen G. «Marco Polo's China: A Venetian in the Realm of Khubilai Khan». In *Routledge Studies in the Early History of Asia*. Londres & Nova Iorque: Routledge, 2006.
- HEUKEN, Adolf. «Christianity in Pre-Colonial Indonesia». In *A History of Christianity in Indonesia*. Coordinado por Jan Aritonang e Karel Steenbrink, 3-7. Leiden/Boston: Brill, 2008.
- HUERTA, Félix. *Estado geográfico, topográfico, estadístico, histórico, religioso de la santa apostólica provincia de San Gregorio Magno*. Manila: Imprenta de M. Sánchez y Ca, 1865.
- JACKSON, Peter. *The Mongols and the West: 1221-1410*. Harlow: Pearson Education Ltd., 2005.
- LARNER, John. *Marco Polo and the Discovery of the World*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- LOMBARDI, Teodosio. *Storia del Francescanesimo*. Pádua: Ed. Messagero, 1980.
- LOPES, Fr. Fernando Félix. «Custódia de S. Francisco de Malaca. Sua fundação». *Itinerarium* 7 (1961): 246-273. Reproduzido em *Colectânea de Estudos de História e Literatura*. Vol. 8. 231-263. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997.
- LOPES, Fernando Félix. «Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590». *Studia*, nº 9 (1962): 29-142.
- MAFFEI, Giovanni Pietro. *Histoires des Indes, De Jean Pierre Maffee Bergamesque, de la Societe de Jesus. Où, il est traicte de leur decouverte, navigation, & conquete faicte tant par les Portugais que Castillans. Ensemble de leurs moeurs, ceremonies, loix, gouvernemens, & reduction a la Foy Catholique*. Lyon: Jean Pillehotte, 1603.
- MCKINNON, E. Edwards. «Trade Contacts with the Indonesian Archipelago: 6th to 14th Centuries». In *International Seminar for UNESCO Integral Study of the Silk Roads: Roads of Dialogue: «India and the Roman World between 1st and 4th Century A.D.»*, «India's Cultural Relationship with East and Southeast Asia during the 4th to 13th Century A.D.», 19-24 December 1990. Madras, India. <https://en.unesco.org/silkroad/knowledge-bank/trade-contacts-indonesian-archipelago-6th-14th-centuries>.

- MEERSMAN, Achilles. *The Franciscans in the Indonesian Archipelago*. Lovaina: Nauwelaerts, 1967.
- MEERSMAN, Achilles, OFM. *The Origin of the Latin Hierarchy in India. The Clergy Monthly* (Kurseong, Índia), Suplemento (1960).
- MOFFAT, Samuel Hugh. *A History of Christianity in Asia*. Vol. 1, San Francisco: Harper, 1992; Vol. 2, Maryknoll, NY: Orbis, 2005.
- MONTECORVINO, John. *Cathay and the Way Thither*. Trad. e Ed. por Sir Henry Yule. Segunda edição rev. por Henri Cordier. Londres: Hakluyt Society, 1914. Com alguma revisão e reimpressão, in Leon Barnard and Theodore B. Hodges, *Readings in European History*, New York: Macmillan, 1958.
- MOREIRA, António Montes. «A Ordem dos Frades Menores no Portugal moderno: uma visão global». *Lusitania Sacra*, nº 44 (2021): 15-57. <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.11573>.
- PHAN, Peter C., ed. *Christianities in Asia*. Londres: Wiley Blackwell, 2011.
- PURIFICAÇÃO, Miguel da. *Relação Defensiva dos Filhos da India Oriental e da Provincia do Apostolo S. Thomé dos Frades Menores*. Barcelona: Empreita de Sebastião e João Matheua, 1640.
- RIBADENEIRA, Marcelo de. *Historia de las Islas del Archipelago y reinos de la Gran China, Tartaria, Cochinchina, Malaca, Siam, Camboya, y Jappon, y de lo sucedido en ellas a los Religiosos Descalços de la Orden del Seraphico Padre San Francisco de la Provincia de San Gregorio de las Philippinas, compuesta por Frey Marcello de Ribadeneyra, compañero de los seys Frayles hijos de la misma Provincia, martyres gloriosissimos de Jappon, y testigo de vista de su amirable martyrio*. Barcelona: Empreita de Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1601.
- ROBSON, Michael. *The Franciscans in the Middle Ages*. Woodbridge: Boydell Press, 2006.
- SAN ROMÁN DE RIBADENEYRA, Antonio de. *Historia General de la Yndia Oriental; los descubrimientos y conquistas que han hecho las armas de Portugal en el Brasil y en otras partes de África y de la Asia ... desde sus principios hasta el año de 1557*. Valladolid: Luis Sánchez, 1603.
- SANTOS, João dos. *Ethiopia Oriental e varias historias de cousas notaveis do Oriente*. Évora: Manoel de Lyra, 1609.
- SOLEDADE, Fernando da. *História Seraphica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Vols. 3-5, Lisboa: Manoel Joseph Lopes Ferreira, 1705.
- SOUSA, Manuel de Faria e. *Asia Portuguesa*. 3 vols., Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey NS, 1666-1675.
- STANDAERT, Nicolas, ed. *Handbook of Christianity in China*. Leiden: Brill, 2001.

- STOKMAN, Sigfridus. «De eerste Missionarissen van Borneo». *Historisch Tijdschrift* 7 (1921): 347-360.
- STREIT, Robert. *Bibliotheca Missionum*. 21 vols. Muenster-Friburgo: Herder, 1916-1959.
- TEIXEIRA, Vitor Gomes. «Fr. Paulo da Trindade, OFM. Cronista macaense». *Revista de Cultura* 28 (2008): 6-15.
- TEIXEIRA, Vitor [Gomes]. «Acerca de uma certa erudição macaense. Dois “filhos da terra” nas letras barrocas portuguesas». In *O Macaense. Identidade, Cultura e Quotidiano*. Coordenado por R. Carneiro et al., 249-284. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019.
- TIEDEMANN, R. G., ed. *Handbook of Christianity in China*. Vol. 2, 1800 to the Present. Leiden: Brill, 2010.
- TRINDADE, Fr. Paulo da. *Conquista Espiritual do Oriente*. Publicação moderna com introdução e notas de F. Félix Lopes, OFM. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1967.
- WADDING, Luke. *Annales Minorum...*, Roma, 1625-1642.
- WESSELS, Cornelius. *De Geschiedenis der R. K. Missie in Amboina: Vanaf haar stichting door den H. Franciscus Xaverius tot haar vernietiging door de O.I. Compagnie, 1546–1605*. Nijmegen: Dekker and Van de Vegt, 1926. Tradução francesa: *Histoire de la mission d'Amboine depuis sa fondation par Saint François Xavier jusqu'à sa destruction par la Compagnie Néerlandaise des Indes Orientales, 1546–1605*, trad. J. Roebroek, Louvain: Museum Lessianum, 1934.
- WILFRED, Felix, ed. *The Oxford Handbook of Christianity in Asia*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- WYNGAERT, Anastasius van den. *Sinica Franciscana. Itinera et relationes Fratrum Minorum saeculi XIII et XIV*. 5 vols. Roma/Quaracchi: Collegio di S. Bonaventura, 1924-1954.